

DISCUSSÕES RACIAIS EM LIMA BARRETO: O CASO DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

*Lúcia Maria de Assis*⁴⁷

*Luciana Marino do Nascimento*⁴⁸

1. INTRODUÇÃO

Lima Barreto, autor de vasta obra divulgada e reconhecida postumamente, lutou, muitas vezes sozinho, pelo reconhecimento do povo brasileiro e de sua cidadania, em detrimento de sua origem social, racial ou quaisquer outros preconceitos que, na transição do regime monárquico para o republicano, ou na transição do século XIX para o XX, pudessem vigorar.

Rejeitado em vida, o literato é “ressuscitado” por Francisco de Assis Barbosa, seu primeiro biógrafo, em 1952, na obra *A vida de Lima Barreto*. Depois disso, mais aproximadamente na década de 1980, o autor e sua obra passam a ser mais amplamente estudados em teses e dissertações, como fizeram Maria Zilda Cury, em *Um Mulato do Reino de Jambom, as classes sociais em Lima Barreto*; Haydê Ribeiro Coelho, em *Retórica da ficção e do nacionalismo – A construção narrativa de Triste fim de Policarpo Quaresma*; Beatriz Resende, em *Lima Barreto*,

⁴⁷ Doutora em Linguística pela USP. Professora associada na Universidade Federal Fluminense. Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFNT.

⁴⁸ Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP. Professora titular na UFAC. Membro do corpo docente permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ.

Crítico da Modernidade e em *Dentes Negros, Cabelos Azuis: Lima Barreto e a Cidadania em Fragmentos*.

É a partir daí que melhor se compreende que Lima Barreto, com sua “voz aguda, e muitas vezes solitária, no Brasil da Primeira República e no território estendido do Rio de Janeiro, que seguia a linha do trem da Central do Brasil unindo e separando o ‘Centro’ dos subúrbios cariocas” SCHWARCZ (2019, p. 134). Ele denunciava uma sociedade cheia de preconceitos e a intolerância da Primeira República aos negros, que “comprometem a imagem de um país que só precisa livrar-se da mácula da escravidão para apresentar-se convenientemente diante do mundo civilizado” (OLIVEIRA, 2007, p. 147). O literato sentia na pele a discriminação e o preconceito racial. Como consequência, fez sua obra militante contra a exclusão social de que são vítimas, até hoje, parcelas da população não branca, conforme afirma Cury (2021). Na batalha contra a discriminação racial, sua literatura funcionava como uma ferramenta de quem precisa desconstruir a estrutura vigente, promovendo pequenas revoluções dentro do próprio sistema.

Neste capítulo, que traz como centralidade a literatura barretiana, objetiva-se descrever como questões raciais apresentam-se na obra de Lima Barreto. Para isso, dedica-se, principalmente, ao livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, romance que retrata o racismo presente nas instituições e instâncias de poder no início do século XX. Isaías Caminha, um jovem mulato do interior, com a ambição de tornar-se “doutor”, muda-se para o Rio de Janeiro, mas encontra muitos obstáculos devido a sua cor, mostrando a incapacidade do país de incorporar pessoas negras à sociedade.

Ao materializar as recordações de Isaías, Lima Barreto caracterizou o espaço urbano, figurativizou como a cidade foi pensada, representada e serviu de espaço para fomentar preconceitos. Considerando a cidade como um signo da modernidade, afirma-se, que “a modernidade é, antes de tudo um discurso”, ao que se deve a importância de se discutir o que ocorre com a “cidade e os sujeitos que nela transitam, considerando que ambos são os que mais sofrem os impactos e mudanças físico, social e culturalmente, produzindo e reproduzindo novos discursos” (NASCIMENTO e SARAIVA, 2020, p. 7). Nesse sentido, nada mais pertinente do que trazer luz a Lima Barreto, literato que apresenta, em sua obra, a forma de como a modernidade que ascendia no Rio de Janeiro (a cidade) afetava a vida da população negra (os sujeitos).

2. A OBRA LIMANA E SEU CONTEXTO

Para entender o percurso da obra limana, importa observar que a passagem do século XIX para o século XX foi um momento por excelência de instauração de um imaginário urbano moderno, os tipos *dândý* e *flâneur* eram facilmente encontrados na vida urbana ou na cena literária, personagens que marcavam presença na vida social e que faziam parte de um processo de mascaramento e de subjetivação da modernidade no espaço urbano:

Na literatura, o flâneur foi representado como um ocupante e observador arquetípico da esfera pública nas grandes cidades da Europa do século XIX, que cresciam e mudavam com rapidez. Ele pode ser visto como uma figura mitológica ou alegórica representativa do que, talvez, tenha sido a resposta mais característica às novas formas de vida que pareciam estar em desenvolvimento – a ambivalência (WILSON, 2013, p. 46).

Assim, de acordo com Wilson (2013) não só os elegantes emergiram na cena urbana, mas os artistas, poetas e romancistas foram também em busca dos avessos das cidades. As ruas largas e os bulevares modificaram a feição da urbe, tendo sido criação decisiva para a modernização da cidade, pois “permitiam a aproximação e a convivência dos contrastes: o rico frente ao pobre; o feio, ao bonito; a juventude, à velhice, a opulência, à miséria. Acima de tudo, permitia o confronto das classes, com o luxo das vitrines, as grandes peças de teatro e a afluência à cidade de tipos humanos marginalizados” (NASCIMENTO, 2003, p. 39). E é desse fator de embaralhamento da cidade moderna que entram novos personagens e novos conteúdos na literatura, que antes não frequentavam a cena literária com tanta recorrência, como bêbados, prostitutas, operários, mendigos, assassinos, boêmios, trabalhadores braçais, ou seja, as “dobras” da cidade moderna abrem espaço para uma literatura panorâmica, na qual a cidade se converte em um “grande palco e seus indivíduos em atores de um tipo muito particular” (SENNETT, 1993, p. 341).

Se a matriz parisiense de bom gosto, de cosmopolitismo tornou-se quase que uma modernidade absorvida como uma civilização global, a América Latina e o Brasil também não ficaram imunes. Nesse sentido, o panorama literário brasileiro de fins do século XIX até a década de 1920 foi bastante difuso e foram denominadas de “pré-modernistas” todas as obras produzidas no período que antecedeu a Semana de Arte Moderna paulista.

Araújo (2012) destaca que o termo “pré-modernismo” é de autoria de Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) e que se referia às décadas de 1914-1918, período em que se aguardava uma renovação intelectual. No entanto, destaca também que o “pré-modernismo” não representava exatamente um estilo,

uma escola ou uma tendência, mas somente um marco temporal. Já Penteado (2000) ressalta que o termo deve ser considerado em 2 sentidos contrastantes:

No primeiro, o prefixo pré assume conotação de mera anterioridade temporal e o período literário assim designado caracteriza-se como extremamente conservador, aglutinando escritores neoparnasianos tradicionalistas que, sob o critério estético, podem ser considerados antimodernistas. Nesse sentido, o pré-modernismo acaba sendo o prosseguimento das tendências realistas, naturalistas e parnasianas. No segundo, o prefixo conota forte sentido de precedência temática e formal em relação aos valores da literatura modernistas, notadamente do período de 30, devendo ser visto como movimento renovador, oposto ao conservadorismo entranhado no sentido citado anteriormente, uma vez que os escritores representativos desse modo de entender o período passam a interessar-se pela realidade brasileira, propondo uma revisão crítica dos valores nacionais, muitas vezes, confundida com pessimismo ou ressentimento (PENTEADO, 2000, p. 2-3).

Entre os literatos alcunhados de pré-modernistas estão Euclides da Cunha e Lima Barreto a quem, segundo Bosi (1994, p. 307), coube “o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional”. Sob o ponto de vista do conteúdo, essa literatura abordava situações históricas só então consideradas: a miséria do caboclo nas zonas de decadência econômica, o sertanejo nordestino e as alterações na paisagem e na vida social da Capital.

Em Lima Barreto, a própria vida explica o caráter ideológico de sua obra: origem humilde, mulato, jornalista e amanuense. Tudo isso estava aliado à viva consciência da própria situação social, o que motivou seu socialismo tão emotivo e penetrante. É exatamente esse estímulo que o levou a uma representação literária crítica, o que também se refletiu no seu estilo e na sua linguagem. Nas palavras de Antonio Cândido,

Para Lima Barreto a Literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto porque no seu modo de entender, ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência (CÂNDIDO, 2011, p. 47).

3. UMA ESCRITA MOVENTE QUE CARTOGRAFA A CIDADE

Um Atlas do romance. Por trás dessas palavras, há uma idéia muito simples: a de que a Geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural ocorre, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade (MORETTI. Atlas do romance europeu 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 13).

Iniciar esse item de estudo com uma epígrafe de Franco Moretti certamente não ocorreu ao acaso. A intenção é mostrar o que Lima Barreto cartografa, ou seja, a cidade carioca do início do século, estabelecendo uma relação entre a paisagem, a geografia e a narrativa barretiana, uma vez que a cidade nos seus mais variados aspectos foi alvo do seu olhar crítico. Não “sendo inerte”, como diz Moretti, a Geografia cultural tem muito a dizer do espaço literário como invenção e como percepção, pois “pode indicar o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço”, afinal: “Um bom mapa vale mil palavras, dizem os cartógrafos, e eles estão certos: porque ele produz mil palavras: levanta dúvidas, ideias. Coloca novas questões e nos força a buscar novas respostas” (MORETTI, 2003, p. 14). Aproximar a literatura da geografia pela cartografia, portanto, é uma forma de ir entrelaçando fios que remetem à configuração dos espaços e da sociedade que constituem o ambiente dos escritores literários.

Pensando nessa configuração, Lima Barreto apresenta uma clássica descrição da paisagem do subúrbio, aquele espaço que não é mais rural, mas ainda não recebeu todos os equipamentos urbanos necessários para ser chamado de cidade ou centro. Sobre o subúrbio carioca, Lima Barreto diz:

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação de cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu decerto para tal aspecto, mais **influíram, porém, os azares das construções**.

Nada mais irregular, mais caprichoso, mais sem plano qualquer, pode ser imaginado. As casas surgiam como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como boulevares e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado.

Às vezes se sucedem na mesma direção com uma frequência irritante, outras se afastam, e deixam de permeio um longo intervalo coeso e fechado de casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva.

Marcham assim ao acaso as edificações e consequentemente o arruamento. Há casas de todos os gostos e construídas de todas as formas.

Vai-se por uma rua a ver um correr de chalets, de porta e janela, parede de frontal, humildes e acanhados, de repente se nos depara uma casa burguesa, dessas de compoteiras na cimalha rendilhada, a se erguer sobre um porão alto com mezaninos gradeados. Passada essa surpresa, olha-se acolá e dá-se com uma choupana de pau-a-pique, coberta de zinco ou mesmo palha, em torno da qual formiga uma população; adiante, é uma velha casa de roça, com varanda e colunas de estilo pouco classificável, que parece vexada a querer ocultar-se, diante daquela onda de edifícios disparatados e novos (BARRETO, 2011, p. 191).

Olhar essa cartografia do subúrbio em Lima Barreto é tornar esses espaços redivivos nesse entrelugar de não ser mais rural, mas também ainda não ser urbano. Como aponta Houaiss (2009), subúrbio vem do latim *suburbium* e significa entorno da cidade. É dessa relação centro-margem, cidade/civilitas, que os subúrbios cariocas e os detalhes de sua vida cotidiana são descritos em Lima Barreto. Corroborando essa afirmação, Soares diz:

Na língua portuguesa, a palavra subúrbio tem o seguinte significado: “arrabaldes ou vizinhanças da cidade ou de qualquer povoação”. Esse significado é bem impreciso, mas se formos examinar o emprego mais antigo da palavra, com relação à cidade do Rio de Janeiro, veremos que assim eram chamadas, em meados do século passado, certas áreas como Catumbi, Catete, Botafogo e Gávea que, no quadro administrativo, eram consideradas freguesias urbanas, mas que apresentavam aquele aspecto de descontinuidade de construções e de largueza, “de menos gente ocupando mais terra”, noção esta, a meu ver, a mais importante, mais permanente e mais generalizada que a palavra contém (SOARES, 1990, p. 139).

Ao descrever o subúrbio carioca, a ironia cortante de Lima Barreto mostra em detalhes a paisagem. Sua riqueza de detalhes leva o leitor ao riso, ainda que lamentando a tragicidade da cena, inclusive aos criticar também as autoridades municipais que seriam as responsáveis pelos melhoramentos urbanos.

Não há nos nossos subúrbios coisa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades europeias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados.

Os cuidados municipais também são variáveis e caprichosos. Às vezes, nas ruas, há passeios, em certas partes e outras não; algumas vias de comunicação são calçadas e outras da mesma importância estão ainda em estado de natureza. Encontra-se aqui um pontilhão bem cuidado sobre o rio seco e passos, além temos que atravessar um ribeirão sobre uma pinguela de trilhos mal juntos (BARRETO, 2011, p. 192).

O literato, nessa cartografia do subúrbio carioca, descreve também os moradores: mulheres elegantes, trabalhadores mal vestidos, homens becados. Nessa descrição, o literato coloca sua crítica mordaz contra aqueles que, mesmo

morando no subúrbio, absorveram práticas de vida e, portanto, discursivas, típicas da burguesia:

Há pelas ruas damas elegantes, com sedas e brocados, evitando a todo o custo que a lama ou o pó lhes empanem o brilho do vestido; [...] há operários de tamancos; há peralvilhos à última moda; há mulheres de chita; e assim pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num quarteirão, e quase sempre o mais bem posto não é quem entra na melhor casa (BARRETO, 2011, 193).

Ao colocar na cena literária os trabalhadores de “pequenas profissões” e os problemas de moradia que enfrentam, frutos da exclusão e da miséria ligados às contradições do capitalismo, Lima Barreto demonstra a consciência de luta que é recorrente em sua obra. Isso pode ser observado no trecho que segue:

Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família, são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino. Não se podem imaginar profissões mais tristes e mais inopinadas da gente que habita tais caixinhas. Além dos serventes de repartições, contínuos de escritórios, podemos deparar com velhas fabricantes de rendas de bilros, compradores de garrafas vazias, castradores de gatos, cães e galos, mandingueiros, catadores de ervas medicinais, enfim, uma variedade de profissões miseráveis que as nossas pequena e grande burguesias não podem adivinhar. Às vezes num cubículo desses se amontoa uma família, e há ocasiões em que os seus chefes vão a pé para a cidade por falta do níquel do trem (BARRETO, 2011, p. 48).

Ler a cidade é também fazer um inventário dela e dos tipos humanos que nela circulam. Como afirma Delgado (1999, p. 26), realizar uma “antropología urbana debería presentarse entonces más bien como una antropologia de lo que define la urbanidad como forma de vida”. É nesse sentido a obra limana retrata com clareza e realidade o que ocorria no Rio de Janeiro, cidade que exerceu papel preponderante como capital cultural do Brasil, centro das decisões políticas, sociais e administrativas. Sendo assim, os escritos de Lima Barreto configuram-se como um importante material que permite analisar as influências do movimento *belle-poqueano* nos costumes, no uso da língua e no reforço de preconceitos vigentes no país desde sua origem, como o racismo, por exemplo.

Lima Barreto mostra como na então capital do país havia uma população poderosa e rica de um lado e, de outro, um grande número de negros e mulatos que sobreviviam como trabalhadores rurais, empregados domésticos e artesãos, ao

lado de meeiros empobrecidos e sitiante. Entre essas duas classes, ainda viviam pressionados os profissionais liberais, os burocratas subalternos, os empregados dos escritórios e os pequenos lojistas, que não eram ricos nem exatamente pobres. Tudo isso formando uma enorme densidade populacional que gerou problemas diversos em relação a emprego e moradia. Sobre esse último, Lima Barreto assim descreve:

Atualmente, nada mais mete medo a um pobre-diabo que a tal história de aluguel de casa. Não há quem não esteja pagando, por trapeiras, exorbitantes locações dignas da bolsa de ricos e altos *escrocs* internacionais. [...] Para melhorar um tão doloroso estado de coisas, a prefeitura põe abaixo o Castelo e adjacências, demolindo alguns milhares de prédios, cujos moradores vão aumentar a procura e encarecer, portanto, ainda mais, as rendas das habitações mercenárias. (*Variações*)

O Rio de Janeiro precisa se modernizar. Então, no governo Campos Sales, o centro foi modificado às pressas, abrindo-se avenidas, criando-se e reformando-se jardins; os bondes ganharam tração elétrica e o novo porto foi construído. Tudo isso seguindo o molde de Paris. Tais reformas deslocaram a população pobre e, consequentemente, preta para os morros, para a Cidade Nova ou para os subúrbios da Central. O Rio reformado tentava mostrar um Brasil branco, europeizado e civilizado. De acordo com Sevcenko (2003, p. 43), “assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca e ninguém poderia se opor a ela”. Certamente, essas mudanças firmavam-se em 4 (quatro) princípios básicos:

- a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional;
- a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que maculasse a imagem civilizada da sociedade;
- uma política de expulsão dos grupos populares da área central;
- cosmopolitismo agressivo, identificado com a vida parisiense.

Entretanto, conforme afirma Carvalho (1997, p. 41),

se o novo Rio aumentava a segmentação social e o distanciamento espacial entre setores da população, as repúblicas do Rio, vindas do Império, continuavam a viver, a renovar-se, a forjar novas realidades sociais e culturais mais ricas e mais brasileiras que os versos parnasianos e simbolistas.

Isso ocorria na festa Portuguesa da Penha, tomada por negros e pela população dos subúrbios, e na Pequena África da Saúde, onde a cultura negra fertilizava-se, criando ranchos carnavalescos e inventando o samba. Mais tarde, o futebol também foi incorporado por esse grupo e, exatamente por isso, transformou-se em esporte de massa. Toda essa marginalização, na verdade, contribuiu para que surgisse a

primeira identidade brasileira, ou seja, era efetivamente a primeira identidade coletiva da cidade, aquela que se identificava com o samba e o esporte de massa.

Em relação a Lima Barreto, como já se disse, o literato era mulato e pobre, o que muito colaborou para seu fracasso na escola Politécnica do Rio, de onde saiu sem conseguir diplomar-se. A esse respeito, ao comparar a capital do Brasil com Buenos Aires, capital da Argentina e idealizada também ao modelo parisiense, dizia que o Rio de Janeiro queria ser visto como terra de brancos, por isso um mulato pobre ali não venceria com facilidade.

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital Argentina tem longas ruas retas; a capital Argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (*A volta*)

4. LIMA BARRETO, RACISMO E O ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

A angústia e a crítica de Lima Barreto em relação aos preconceitos que o deixavam alijado da sociedade e que faziam com que sua escrita não tivesse o reconhecimento merecido foram plenamente manifestadas na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, a pioneira, publicada em 1909. Nela, o literato retrata sua crítica à sociedade preconceituosa que obriga as classes populares ao silêncio, a não terem direito à voz. Como o próprio nome indica, trata-se das memórias de Isaías Caminha que surgem quando o personagem lê um artigo, no qual o autor considerava que pessoas negras eram desprovidas de inteligência, o que se revelaria na sua vida adulta:

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na maturidade, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em geral, pela ausência dele (BARRETO, 1997, p. 32).

A afronta e a rotulação que a população negra sofria era tão grande e tão fortemente engendrada, que Caminha chega a questionar sua inteligência diante de um rápido exame de sua vida:

Mentalmente comparei os meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletaria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escrito (BARRETO, 1997, p. 33).

Entretanto, logo o personagem se dá conta de que seu suposto insucesso deveu-se não à sua falta de inteligência, mas à falta de oportunidades, à desvalorização a que a sociedade social e racialmente preconceituosa submetia-o:

Verifiquei que, até ao curso secundário, as minhas manifestações quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplauso ou aprovação, ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante, **dês que dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de ideias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia**⁴⁹ (BARRETO, 1997, p. 33).

A obra é, portanto, um marco na disputa de negros por espaço na sociedade brasileira, e retrata o racismo presente nas instituições e instâncias de poder, mesmo 20 anos após a abolição da escravatura. É com a intenção de demonstrar isso, que Lima Barreto, ou seu alter ego Isaías Caminha, sentencia de quem é a culpa pelo fracasso do “homem de cor”:

[...] resolvi narrar trechos da minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava... (Barreto, 1997, p. 34).

Para Lima Barreto, o Rio de Janeiro era uma cidade segregada, sendo o Centro, o espaço remodelado para o estrangeiro ver e para a burguesia se exibir; Botafogo e Flamengo, os bairros de moradia da elite; e o subúrbio, o lugar destinado aos ignorados, os pobres, os operários, os imigrantes, os negros, enfim, o povo excluído pelo sistema republicano. A cidade, portanto, em *Recordações*, é reconstruída com o ponto de vista do excluído, do mulato que idealiza o espaço urbano como local do conhecimento e do saber. Isaías Caminha é esse mulato que sai do interior, onde nascera e fora criado, em busca de estudos e oportunidades na capital, acreditando que os estudos e a boa formação lhe abririam as portas para o reconhecimento e para uma vida mais digna, pois se tornaria doutor. Convicto de que alcançaria esse objetivo, Isaías confessa:

⁴⁹ Grifos nossos.

Ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda hora e a todo o instante, na minha glória futura. Agia desordenadamente e sentia incoerência dos meus atos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente (BARRETO, 1997, p. 40).

O rapaz fora bom aluno desde pequeno e era um admirador da inteligência do pai, da facilidade como falava sobre as coisas, da capacidade de ler e entender idiomas diferentes, da forma como dominava as questões de linguagem. Isaías, também queria ser assim, pois via nisso um passaporte para a cidadania:

Pareceu-me então aquela sua faculdade de explicar tudo, aquele seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente (BARRETO, 1997, p. 39).

De certa forma, o rapaz já questionava, mesmo antes de chegar ao Rio, os valores da sociedade, os quais, de acordo com Assis (2004, p. 168), “configuravam instrumento de classe e de repressão que ajudava a impedir que os homens vivessem em harmonia”. Por isso, ele queria o diploma de “doutor”. Enxergava nele a possibilidade de ser respeitado, o direito à voz. Acreditava que seu “defeito de cor” seria suplantado pelo título:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor. [...] Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se contorciam no meu cérebro [...] Ah! Doutor! Doutor! Andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano (BARRETO, 1997, p. 45-46).

Então, em viagem para o Rio de Janeiro, Isaías passa pela primeira experiência de segregação racial, o que se tornaria constante. Numa parada, é tratado com rispidez e desprezo por um caixeiro e observa a diferença do tratamento respeitoso que recebera um “rapazola alourado”. Ao relatar o episódio, ele se descreve, anunciando-se como mulato:

Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. [...] As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repug-

nante. Tinha-o perfeitamente oval, e a **tez de cor pronunciadamente azeitonada**⁵⁰ (BARRETO, 1997, p. 49-50).

Lima Barreto, assim como Isaías, também sofria preconceitos por ser mulato e buscou denunciá-los com sua narrativa que apontava a invisibilidade social dos negros e mulatos, bem como os preconceitos dos quais era alvo constantes. É nesse sentido que nosso autor descreve uma passagem de Isaías pela delegacia. Ressalte-se que o personagem nada tinha de criminoso. Entretanto, o hotel onde se hospedava havia sido roubado e todos os hóspedes foram convocados a prestar depoimento. Ao chegar à tal delegacia, Isaías ouve palavras do Capitão Viveiros, pessoa que o interrogaria: **“Já apareceu o tal mulatinho**⁵¹?”. Diante disso, Isaías reflete:

[...] quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. **Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo**⁵² [...] Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal [...] Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: **amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixaza de tratamento, todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar**⁵³ (BARRETO, 1997, p. 88).

Quando chega à presença do delegado, o personagem percebe como o negro/mulato é socialmente invisibilizado ou, de outro modo, como é visto como inferior, incapaz de, pelo menos, receber uma educação formal. Essa constatação se constrói a partir da direção que toma o interrogatório:

- Qual é a sua profissão?
- Estudante?
- Estudante?!
- Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.
- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, porque não o podia ser eu? [...] Ele por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com ar de escarninho perguntou:

- Então você é estudante?

⁵⁰ Grifos nossos.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Grifos nossos.

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada a priori, que eu adivinhei na sua pergunta⁵⁴ (BARRETO, 1997, p. 92-93).

Sobre essa invisibilidade, que é racial, mas também social, e que ainda está desmedidamente presente em nossa sociedade, Cury explica:

O preconceito racial é fenômeno e enquanto tal simultaneamente revela e esconde a realidade. Revela enquanto aponta para a discriminação racial de fato existente no conjunto social. Esconde porque, como elemento catalisador, pode “apagar” a discriminação social, que no caso é também racial, mas não exclusivamente (CURY, 1981, p. 151).

Nesse sentido, Silva diz que “a vítima do preconceito racial torna-se socialmente congelada, e isto ocorre por meio do isolamento social que lhe é tangenciado. O oprimido se silencia e busca ocultar seus efeitos” (SILVA, 2017, p. 31). Lima Barreto, entretanto, não se deixou silenciar e escreveu esse romance que inaugura, na literatura brasileira, *uma linhagem de escritos dos excluídos*. De acordo com Souza (2004), são dessa linhagem

as obras que trazem para o cenário literário o universo dos marginalizados, tratados não como meros figurantes de um painel social heterogêneo, mas alçados a personagens centrais. Esses textos, em sua maioria, caracterizam-se também pelo registro da linguagem própria desses grupos e pelo tratamento menos judicioso de seus narradores em relação aos valores desses grupos (SOUZA, 2004, p. 89).

Em Lima Barreto, isso é identificado tanto nas transgressões de forma quanto no modo peculiar de utilizar personagens pouco usuais para a ficção nacional da época e, ainda, pela maneira particular de se articular no campo literário. Essa escolha reflete a posição ideológica do literato, que é manifestada constantemente em seu discurso. Nesse sentido, Isaías intentava

modificar a opinião dos seus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo [...] a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados (Barreto, 1997, p. 120).

Considerando que, histórica e culturalmente, a literatura é também o direito à voz, o que defendia Lima Barreto era o direito à voz da população menos favorecida, o direito à voz do negro que deveria ser considerado cidadão como qualquer outro indivíduo.

⁵⁴ *Ibidem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma identidade coletiva só se apresenta como problema quando categorias sociais distintas, portadoras de identidades diferentes se veem colocadas em presença umas das outras e na medida em que surge, em consequência, a possibilidade de desigualdade e de domínio em que um grupo (racial, por exemplo) pode excluir, assimilar ou subjugar outros. Essa etnocracia é denunciada por Lima Barreto em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Aquele que conhece a biografia do autor facilmente pode associá-lo a Isaías. De fato, em sua tentativa de ascensão profissional, o escritor enfrentou os mesmos preconceitos raciais e sociais (também era mulato e pobre) que serviram de obstáculo ao personagem. Além disso, o projeto humanitário de Caminha, frustrado pela sociedade preconceituosa e racista que não lhe concebe oportunidades em função de sua condição de mulato, também se aproxima do de Lima Barreto. Sem saída, Isaías torna-se alguém capaz de fazer qualquer coisa para sobreviver. Lima Barreto entrega-se ao álcool. Antes disso, porém, talvez durante essa entrega, ele procura impactar a sociedade com sua literatura.

O cidadão marginalizado que era Lima Barreto consegue, como escritor, levantar sua voz contra a classe dominante dizendo aquilo que foi impedido de dizer fora do contexto simbólico. Sendo assim, sua escrita funciona como um dispositivo de conscientização dos oprimidos sobre os seus direitos. É nesse sentido que, em sua obra, há sempre algo a mais a ser revelado, posto que o literato mostra o que a sociedade procura esconder, como preconceitos e corrupção.

É comum que a literatura seja o lugar onde primeiro ocorrem as mudanças sociais. Lima Barreto aproveita-se disso e, ao criticar o modelo vigente, projeta em seu discurso um outro modelo de sociedade. Nesse sentido, reafirma-se o que literato sempre defendeu: que a literatura fosse militante, que tivesse o compromisso humanitário de afetar e ser afetada. Assim, visando à conscientização da população brasileira, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade durante a modernidade, principalmente o negro e o pobre. Tudo isso é colocado em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, romance que denuncia o preconceito revelando seus desdobramentos sociais, abordando o que ele pode provocar na formação do caráter, no autorreconhecimento da identidade do indivíduo marginalizado.

Ao ler *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (e Lima Barreto), revela-se a atualidade da obra e das questões nela abordadas, pois ainda vivemos num Brasil preconceituoso, elitista, onde os títulos doutorais, o “bom nascimento”, a cor da

pele e o poder econômico ditam quem o indivíduo será na sociedade. Reforçamos, portanto, o importante papel de Lima Barreto não só como escritor militante que usou do poder da linguagem contra o *establishment* de um país recém-saído do regime escravocrata em seus primeiros anos de regime republicano, mas como um escritor que, em pleno século XXI, fala de perto sobre os problemas vivenciados por grande parte da população brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Jean Marcel Oliveira. O Pré-modernismo: A luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro. In: *Pensares em Revista*, São Gonçalo, RJ, n. 1, p 117-134, jul.-dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/4806/3530>. Acesso em: 12 jun. 2020.

ASSIS, Lúcia Maria de. O antipurismo linguístico em Lima Barreto. In: *Mário Barreto Gramática e Léxico*. Cadernos do CNLF, vol. VIII, no. 13, 2004. p. 164-170.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: PubliFolha, 1997.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: São Paulo: Penguin, 2011.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambon* (as classes sociais na obra de Lima Barreto). São Paulo: Cortez, 1981.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Breves Considerações sobre Lima Barreto. In: ASSIS, Lúcia Maria de; NASCIMENTO, Luciana Marino; SANTOS, Janete Silva dos (orgs.). *Lima Barreto na sala de aula*. São Paulo: Blucher, 2021.

DELGADO, Manuel. *El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos*. Barcelona: Anagrama, 1999

FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: F. H. Cardoso e Octávio Ianni. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Depois da democracia racial. *Tempo Social*, 18(2), p. 269-287, 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12525>. Acesso em: 28 fev. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORETTI. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 13.

MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Anita, 1994.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. *Entre Paris e Lisboa: a modernidade de Cesário Verde*. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2003.

NASCIMENTO, Luciana; SARAIVA, Luciano Mendes. Apresentação. In: NASCIMENTO, Luciana; SARAIVA, Luciano Mendes (orgs.). *Modernidades: Múltiplas Leituras*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.

OLIVEIRA, Fátima Maria de. *Correspondência de Lima Barreto: À roda do quarto, no palco das letras*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

PENTEADO, Alice Áurea Martha. *Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração do silêncio*. Madri: Espéculo. Revista de Estudios Literários, no. 16. Universidad Complutense de Madrid, 2000. Disponível em: www.ucm.es. Acesso em: fev. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 33, n. 96, pág. 137-154, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem público*. As tiranias da intimidade. Trad. Lygia Watanabe Araujo. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Quésia Ferreira da. *Lima Barreto e seu duplo provável em Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

SOARES, Maria Therezinha. Divisões principais e limites externos do Grande Rio de Janeiro. In: BERNARDES, Lysia; SOARES, Maria Therezinha. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

SOUZA, Fábio Elionar do Carmo. *Do subúrbio à Neofavela: Contravenções Literárias e Discurso em Lima Barreto e Paulo Lins*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2004.

WILSON, Elisabeth. The invisible flâneur. [O flâneur invisível]. Trad. Edinan J. Silva. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 43-63, jul.-dez. 2013. Disponível em: www.seer.ufu.br/artcultura/article/download Acesso em: 01 jul. 2020.

